

Anexo 3-1 - Relatório de Pontos Visitados

ÍNDICE

1 -	Relatório de Pontos Visitados.....	1/85
1.1 -	1ª Campanha de Campo	2/85
1.1.1 -	Área de Estudo do Corredor da LT dentro da TI	2/85
1.2 -	2ª Campanha de Campo	43/85
1.2.1 -	1ª Etapa - Vistoria as LTS em Operação e Instalação	43/85
1.2.2 -	2ª Etapa - Áreas de Estudo do ECI	47/85
1.2.2.1 -	Área de Estudo do Corredor da LT dentro da TI	47/85
1.2.2.2 -	Área de Estudo - Área de Entorno	51/85
1.2.2.3 -	Área de Estudo das Terras Indígenas/ Área de Entorno.....	83/85

1 - RELATÓRIO DE PONTOS VISITADOS

O presente relatório tem por objetivo a apresentação dos resultados obtidos no decorrer das Campanhas de Campo realizadas no âmbito do Estudo de Componente Indígena do EIA da LT 500 kV Manaus - Boa Vista e Subestações Associadas. Cabe ressaltar que todo o trabalho de campo foi realizado com a participação do grupo *kinja* definido pelos Waimiri Atroari, seja nas discussões, planejamento, definição dos pontos a serem visitados e acompanhamento da equipe responsável pelo ECI.

O trabalho de levantamento de dados primário baseou-se em duas campanhas de campo. A primeira realizada no período de 20 a 29 de Julho de 2013 e a segunda realizada no período de 02 a 13 de Outubro de 2013. Em cada campanha de campo buscou-se levantamento de dados em três diferentes áreas estudo, conforme segue: o Corredor da LT dentro da TI; a área denominada Área das TIs; e a Área do Entorno. Na primeira campanha de campo a área estuda foi restrita ao Corredor da LT dentro da TI, proposto para implantação do empreendimento, cuja diretriz intercepta aproximadamente 122 km da TI Waimiri Atroari, em trecho paralelo a BR-174. Já a segunda campanha foi dividida em duas etapas. A primeira etapa teve como objetivo apresentar aos indígenas as diferentes fases de uma LT, Sendo assim a equipe técnica realizou visitas junto aos indígenas para que os mesmos conhecessem outro empreendimento similar à LT em estudo que foram a visita a LT 500 kV Oriximiná - Manaus em operação em 24/09 e a visita a LT CC 600 kV Porto Velho - Araraquara 02 em 26/09, enquanto que a segunda etapa tece como objetivo finalizar a visita aos pontos de interesse no Corredor da LT dentro da TI, atividade esta não concluída na primeira campanha, e visitar os pontos de interesse nas áreas de estudo: Área das TIs; e Área de Entorno.

A seguir são apresentadas, de forma sintética, as principais informações obtidas durante as campanhas de campo, assim como os pontos visitados. Os pontos visitados são apresentados no Mapa de Pontos de Vistoria das TIs e Área de Entorno (2545-00-ECI-MP-5001) e no Mapa de Pontos de Vistoria do Corredor da LT (2545-00-ECI-MP-5002).

1.1 - 1ª CAMPANHA DE CAMPO

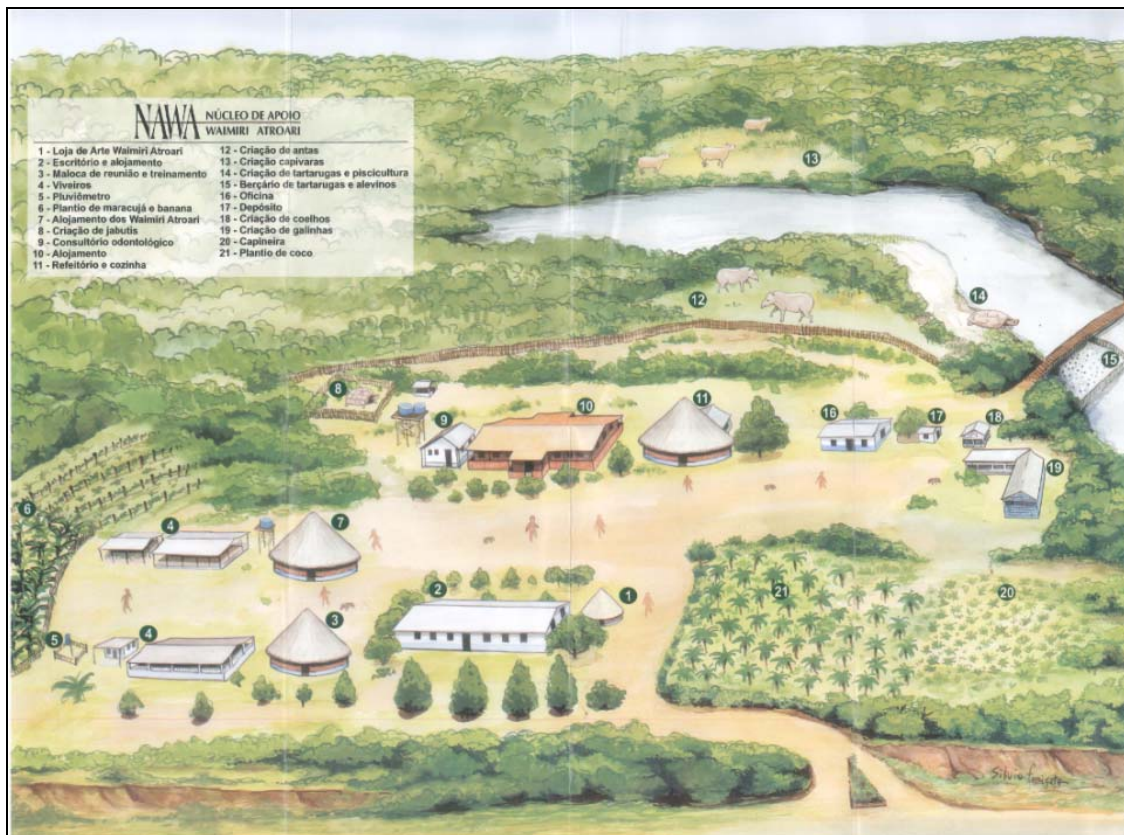
1.1.1 - Área de Estudo do Corredor da LT dentro da TI

20/07/2013

Neste dia foram realizadas atividades no NAWA, para discussão e entendimento acerca dos aspectos construtivos e operacionais da Linha de Transmissão 500 kV Manaus - Boa Vista e Subestação Associadas.

P01 - Núcleo de Apoio Waimiri Atroari - NAWA

Este é o ponto onde está localizado o NAWA. Trata-se de uma área de apoio aos Waimiri Atroari localizada nas proximidades da BR-174, próximo ao rio Alalaú, onde há infraestrutura, tais como local para pernoite, espaço para realização de reuniões e treinamentos, além de projetos demonstrativos e experimentais, como criação de animais silvestres e domésticos, produção de mudas de plantas nativas, ornamentais, medicinais e frutíferas. Merece destaque ainda as instalações do Museu Waimiri Atroari idealizado e construído pelos *kinja*, com o apoio do Programa Waimiri Atroari. A Figura 1-1 apresenta um desenho esquemático da área.



Fonte PWA.

Figura 1-1 - Desenho esquemático do NAWA (Núcleo de Apoio Waimiri Atoari). O esquema não está atualizado quanto às criações e plantações.

Neste ponto, nos dias 20/07/2013 e 13/10/2013, foram realizadas visitas guiadas pelos *kinja* e por representantes do Programa Waimiri Atoari para apresentação do local. O NAWA se encontra dentro de uma área cercada de 10 hectares com composição vegetacional heterogênea que inclui floresta primária, buritizais, capoeiras, áreas com plantio de coco, algumas frutíferas e ainda um lago cercado cuja água se comunica com o Rio Alalaú na época de cheia. No NAWA também existem criações de animais experimentais para abate e também para alimentação em reuniões, encontros e dos funcionários, como galinha, pato, coelho, carneiro, bode e ainda criação de alevinos de tambaqui. Também há criação de animais silvestres tais como jabuti e tartaruga para reintrodução na natureza. Nessas áreas de criação de animais existem muitos coqueiros plantados com alta densidade (pequeno espaçamento entre os indivíduos), fazendo com que a copa dos coqueiros se encontrem, podendo interferir na produção, essa observação foi feita pelos próprios *kinja* durante a visita.

Merecem destaque as atividades destinadas aos animais resgatados, feridos ou órfãos, que são colocados e áreas para recuperação e readaptação ao ambiente natural (Figura 1-2, Figura 1-3, Figura 1-4 e Figura 1-5). O NAWA recebe os animais provenientes de acidentes no trecho da BR-174, que intercepta a TI Waimiri Atoari, ou de apreensões realizadas pelo IBAMA e Secretarias de Meio Ambiente dos municípios de Manaus/AM e Presidente Figueiredo/AM, fora dos limites da TI. Durante a vistoria nos foi apresentado um indivíduo de *amyna* (peixe-boi - *Trichechus inunguis*) criado em um tanque no NAWA. Este espécime foi resgatado órfão, muito jovem, e já se encontra quase apto à soltura (Figura 1-6 e Figura 1-7).



Figura 1-2 - Murucututu (*Pulsatrix perspiciata*) em recuperação na área do NAWA.

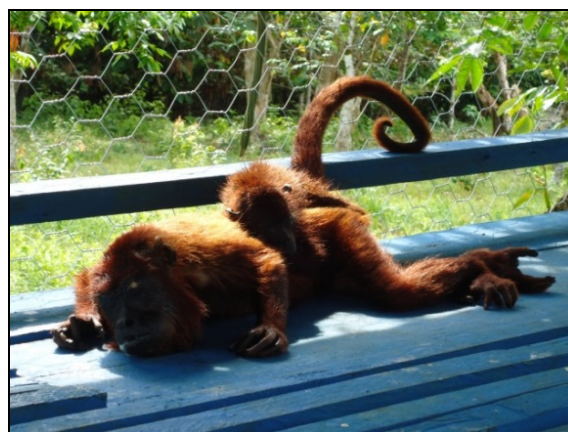


Figura 1-3 - Mãe e filhote de arawuta (*Alouatta macconnelli*) atropelados na BR-174 fora da TI e levados pelo IBAMA para tratamento no NAWA.



Figura 1-4 - Filhote de queixada/petxi (*Tayassu pecari*) resgatado.



Figura 1-5 - Arara canindé/marabia (*Ara ararauna*) e araracanga/kieri (*Ara macao*) resgatadas.



Figura 1-6 - Tanque de criação do peixe-boi/*amana* (*Trichechus inunguis*).



Figura 1-7 - Tanque de criação do peixe-boi/*amana* (*Trichechus inunguis*).

Na visita realizada na área dos viveiros de mudas (realizada no dia 13/10/2013) foram constatados três tipos de viveiros separados: viveiros para plantas ornamentais, para plantas medicinais e para plantas frutíferas.

Nesses viveiros foram registradas espécies de babosa, cariru, goiaba arará, bibribá, arará boi, amendoim forrageiro, palmeira mini-imperial, andiroba, manga, cupuaçu, limão, jaca, marmelo, bacaba, crajirú, boldo, abacate, coco, graviola, maracujá "de quilo", café e buritirana. O substrato utilizado nas mudas é proveniente de solo orgânico, chamado por eles de "terriço", proveniente do solo superficial das áreas de roçado misturados com cinzas. A adubação é orgânica, sendo utilizados, por vezes, restos de alimentos ou restos vegetais, ou então esterco proveniente das criações animais.



Figura 1-8 - Viveiro de mudas do PWA no NAWA. 13/10/2013.



Figura 1-9 - Viveiro de mudas do PWA no NAWA. 13/10/2013.



Figura 1-10 - Viveiro de mudas do PWA no NAWA.
13/10/2013.



Figura 1-11 - Viveiro de mudas do PWA no NAWA.
13/10/2013.



Figura 1-12 - Viveiro de mudas do PWA no NAWA.
13/10/2013.



Figura 1-13 - Detalhe do fruto do Araticum (*Annona montana*), NAWA. 13/10/2013.

21/07/2013

Neste dia foram realizadas atividades no NAWA, para discussão e entendimento acerca dos aspectos ligados ao licenciamento ambiental, tais como o entendimento do Termo de Referência para a elaboração do Estudo do Componente Indígena.

22/07/2013

P02 - Posto de Vigilância Abonari

Este ponto foi marcado durante uma rápida visita para conhecer o Posto de Vigilância Abonari, e somente foi visitado para conhecer mais o posto e realizar entrevistas com os funcionários dali no dia 26/07/2013.

O Posto de Vigilância (PV) Abonari localiza-se no limite sul da TI Waimiri Atoari adjacente a BR-174, na margem do reservatório da UHE Balbina. A área possui uma guarita de vigilância, loja de artesanato e infraestrutura, tais como escritório, alojamento e galpão de armazenamento de materiais, barcos e carros do PWA. Nesta área também há um tanque de criação de alevinos de tambaqui e pirarucu com as mesmas finalidades daqueles criados no NAWA. A área do reservatório, a partir do PV Abonari é usada para pesca e como acesso a outros pontos da TI. Destaque para o sistema de obtenção de energia elétrica através de células fotovoltaicas (energia solar).



Figura 1-14 - Sede do Posto de Vigilância Abonari. 26/07/2013.



Figura 1-15 - Tanque de criação de alevinos no Posto de Vigilância Abonari. 26/07/2013



Foto PWA.

Figura 1-16 - Sede do Posto de Vigilância Abonari. 26/07/2013.



Foto PWA

Figura 1-17 - Sistema de energia solar do Posto de Vigilância Abonari. 26/07/2013.

P03 - Área de Pesca

A área foi apresentada pelos *kinja* como um berçário para as tartarugas (*warara*), pois na seca (entre agosto e setembro) há a formação de bancos de areia (praias) que são usados para a desova de tartarugas e tracajás. Com o alagamento ocasionado pela formação do reservatório da UHE Balbina, parte considerável desses bancos de areia desapareceu. Além dos tracajás, a área é bastante usada por aves e mamíferos semiaquáticos. Como exemplo, foram registrados rastros de tuiuí e capivara (Figura 1-18).



Figura 1-18 - Pegada de capivara/ *tabe'e* (*Hydrochoerus hydrochaeris*). 22/07/2013.



Figura 1-19 - Praia situada às margens do reservatório da UHE Balbina. 22/07/2013.



Figura 1-20 - Alagamento resultante da formação do reservatório da UHE Balbina. 22/07/2013.



Foto PWA.

Figura 1-21 - Praia situada às margens do reservatório da UHE Balbina, no rio Abonari. 22/07/2013.

Essa área é considerada importante para a pescaria. Segundo os *kinja* depois da formação do reservatório da UHE Balbina morreram muitos peixes, inclusive houve o desaparecimento do surubim. Dos peixes que ainda são encontrados nessa localidade e são passíveis de consumo é possível citar: o tucunaré; a traíra; e a piranha. Na época da inundação do reservatório o odor de putrefação deixou a região sem condições de ser habitada, o que levou ao abandono de uma das aldeias próximas dali. O grupo de trabalho *kinja* fez questão de frisar que qualquer área de rio e igarapé é de extrema importância para os Waimiri Atroari e que todos os rios interceptados pela BR-174, no trecho da TI Waimiri Atroari, são utilizados para pesca.

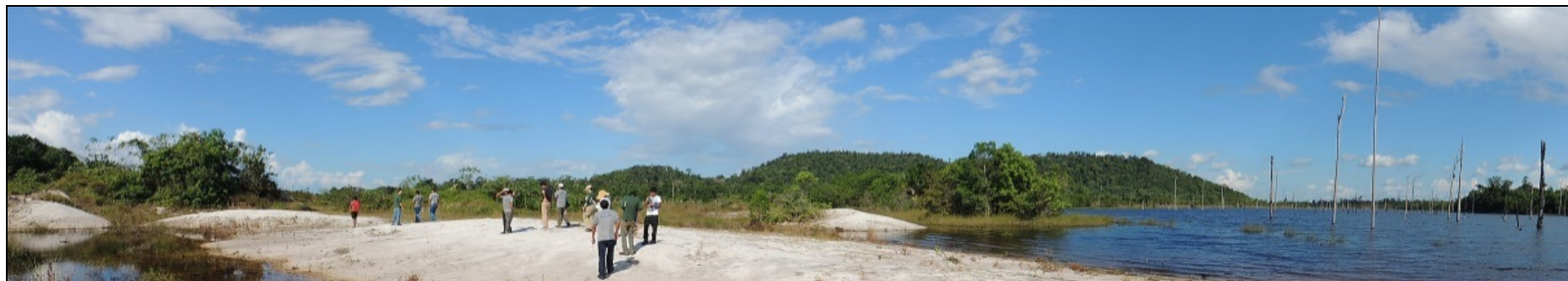


Foto PWA

Figura 1-22 - Visão panorâmica da área identificada como ponto visitado P03. 22/07/2013.

P04 - Área de caça e coleta

Área alagada ou de terra baixa, onde geralmente ocorrem grandes quantidades dos porcos-do-mato e antas, por isso são muito utilizadas pelos *kinja* para caçar. Área de Floresta Ombrófila Densa muito utilizada para as atividades de caça e coleta de frutas e materiais para usos indígenas. Foram registradas diferentes espécies vegetais nessa área, que estão descritas na tabela de uso dos recursos no capítulo 5 - Informações Gerais.

Nesse ponto foi encontrado rastro de jabuti, cheiro de guariba, rastro de anta com plantas quebradas, casa de sapo-cururu, avistamento de um mutum-do-norte, cama de veado-roxo e muita goiaba-de-anta. Fora da mata, na piçarra havia rastros de cutia, paca e anta.



Foto PWA

Figura 1-23 - Área de caça e coleta visitada no dia 22/07/2013.



Foto PWA

Figura 1-24 - Área de caça e coleta visitada no dia 22/07/2013.

P05 - Piçarra

Área visitada para exemplificar uma das áreas de empréstimo de piçarra formada durante a implantação da BR-174. Nesta área houve diversos registros de pegadas de anta e paca, provavelmente pela abundância de árvores com o fruto de goiaba-de-anta, neste ponto.

Nessa piçarra está a placa informativa com a quantidade de animais mortos desde o asfaltamento da BR-174, em agosto de 1997, que até aquele momento, julho de 2013, havia registrados 7.335 animais atropelados. Em outubro de 2013 já eram 7.484 e em janeiro de 2014 eram 7.684.



Foto PWA.

Figura 1-26 - Área de piçarra P05. 22/07/2013.

23/07/2013

P06 - Marco da Rede de Fibra Ótica da Oi

Este ponto apresenta o marco da Rede de Fibra Ótica da Oi, recém-instalado a margem da BR-174, dentro dos limites da TI Waimiri Atroari.



Foto PWA.

Figura 1-27 - Marco da rede de fibra ótica da Oi. 23/07/2013.

P07 - Depósito de lixo

Área onde é depositado todo o lixo recolhido na BR-174, no trecho inserido dentro dos limites da TI Waimiri Atroari. Parte desse lixo é enviada para reciclagem e a outra parte dele é destinada a incineração, ambos em Manaus. Foi ressaltado pelos *kinja* que esse trabalho de coleta, armazenamento e destinação do lixo da BR-174 é todo feito por eles. O buraco escavado para o depósito de lixo



Foto PWA.

Figura 1-28 - Lixo recolhido ao longo da BR-174.
23/07/2013.



Foto PWA.

Figura 1-29 - Lixo recolhido ao longo da BR-174.
23/07/2013.

P08 - Área de coleta para artesanatos

Os *kinja* chamaram a atenção para o fato de se tratar de uma área especial para coleta de itens utilizados no artesanato. Área de coleta rica em espécies frutíferas, com sub-bosque abundante, característico de Floresta Ombrófila Densa. A visita nessa área durou um longo período dentro da mata. Segundo os *kinja*, é uma área alagável durante o período de chuvas e durante as chuvas esporádicas ao longo do ano.



Foto PWA.

Figura 1-30 - Visão da área de coleta para artesanatos.
23/07/2013.



Foto PWA.

Figura 1-31 - Material utilizado para artesanato.
23/07/2013.



Foto PWA.

Figura 1-32 - Exemplos de artesanato elaborados para uso provisório ("mochilas"). 23/07/2013.

Foi registrada uma toca de caranguejo, chamada pelos *kinja* de *sady* com areia branca jogada para fora (Figura 1-33). Houve também registro de pegada de tamanduá-bandeira, anta e queixada nesta área.



Foto PWA

Figura 1-33 - Toca de caranguejo (*sady*) com areia branca jogada pra fora. 23/07/2013.

P09 - Área de coleta de palha

Área de Floresta Ombrófila Aberta localmente reconhecida como área de coleta de palha, identificada por eles como sendo de grande importância. Nesta área de relevo plano o solo apresenta-se predominantemente arenoso. Segundo os *kinja*, é uma área alagável durante o período de chuvas e durante chuvas esporádicas ao longo do ano.

Uma característica da área é o grande número de indivíduos e de espécies de palmeiras utilizadas. Dentre estas se destacam o *karyna* - (*Mauritiella aculeata*) cujos frutos servem de fonte de alimento para diversas espécies: anta, paca, cutia, cateto, queixada, arara e papagaio, portanto, torna-se local bom para caça, e o *karabyrna* (*Mauritia carana*) cujas folhas são utilizadas para cobertura das malocas (palha).

P10 - Área de coleta de palha

Área de coleta de palha indicada pelos indígenas na beira da estrada, não houve visita nessa área.

P11 - Área de Pesca

Ponto localizado a margem do reservatório da UHE Balbina. Neste local foram feitos relatos sobre os impactos da implantação do empreendimento sob a ótica dos *kinja*. Segundo Mario Parwe, após o alagamento não foram mais encontrados surubins, e poraquês, restando apenas o tucunaré, a piranha, e tracajá. Após o alagamento o ambiente entrou em estado de putrefação (segundo Mario Parwe, houve a liberação de "veneno") e como consequência houve morte de praticamente todos os peixes existentes naquela região. Somente após três anos houve a melhora no odor e apenas nos dias atuais (25 anos depois) houve a melhora na qualidade da água. Os *kinja* utilizam linha e anzol nesta área para pescar, pois a água é escura.



Foto PWA.

Figura 1-34 - Área de pesca localizada as margens da BR-174, na área do reservatório da UHE Balbina. 23/07/2013.



Foto PWA.

Figura 1-35 - Equipe as margens da BR-174, na área do reservatório da UHE Balbina. 23/07/2013.



Foto PWA.

Figura 1-36 - Área de pesca localizada as margens da BR-174, na área do reservatório da UHE Balbina. 23/07/2013.

P12 - Área de caça e coleta de frutas e materiais para construção

Ponto localizado em mancha de Floresta Ombrófila Densa, com sub-bosque denso. Este local é considerado pelos *kinja* como área de coleta de frutas e também de madeiras para construções, devido ao grande número de indivíduos de *amoty* (nome indígena dado aos indivíduos arbóreos da família Annonaceae, representada pelos gêneros *Annona* e *Guatteria*). Essa área também é muito utilizada para caça.

Os indivíduos de *amoty* possuem como característica a casca do tronco soltar envira (daí serem conhecidas como envireiras), que é utilizada na amarração dos pilares das malocas (*mydy*) dos Waimiri Atroari. Dentre as espécies de envira utilizadas destacam-se *Annona* sp. (*amoty*) e a *Xylopia calophylla* (*txiri*), cujos troncos também são utilizados para confecção de caibros para construção do *mydy*. No caso da *Annona* sp. os *kinja* relatam ser muito apreciada por ser resistente aos cupins.



Figura 1-37 - Detalhes dos ramos do *amoty* (envira)



Figura 1-38 - Detalhe tronco do *amoty* (envira)

P13 - Área de buritizal (mixi behe).

Área tipicamente alagada, cujos solos do tipo hidromórfico são permanentemente encharcados, é classificada como Formação Pioneira Aluvial. Esse tipo de ambiente atrai diversas espécies de animais e é excelente para atividades de caça, é chamado pelos *kinja* de "zoológico natural".



Foto PWA.

Figura 1-39 - Área de buritizal na TI Waimri Atroari.
23/07/2013.



Foto PWA.

Figura 1-40 - Área de buritizal na TI Waimri Atroari.
23/07/2013.

P14 - Área de coleta de palha

Área de Floresta Ombrófila Aberta localmente reconhecida como área de coleta de palha, identificada por eles como sendo de grande importância. Nesta área de relevo plano o solo apresenta-se predominantemente arenoso. Neste ponto os *kinja* indicaram a presença de indivíduos de *mápyry* (*Gynerium sagittatum*), espécie de herbácea terrestre cujo caule é utilizado para confeccionar as flechas utilizadas na caçadas, conforme ilustra a Figura 1-41 e a Figura 1-42. Este ponto está inserido numa área restrita.



Figura 1-41 - Exemplar de *mápyry* (*Gynerium sagittatum*). 23/07/2013.



Figura 1-42 - Detalhe da parte utilizada para confecção de flechas. 23/07/2013.

P15 e P16 - Aldeia antiga

O ponto P15 se refere à entrada da aldeia antiga *Takari* à margem da BR-174, enquanto o ponto P16 se refere à localização da antiga aldeia *Takari*. A aldeia era ocupada por 14 famílias e cerca de 70 *kinja*. Na época do enchimento do reservatório da UHE Balbina a eutrofização trouxe mau cheiro e poluição à água, assim a aldeia foi realocada para uma nova área e passou a se chamar *Mynawa*. A área foi utilizada para retirada de piçarra para as obras da BR-174.

Ao redor dessa área a fisionomia se apresenta como sendo Floresta Ombrófila Densa. Foram feitos vários registros de fauna na área através de vestígios, tais como pegadas e ossadas de paca, cotia, cotiara, veado, jaguatirica e cágado.



Foto PWA.

Figura 1-43 - Área da aldeia antiga *Takari*. 23/07/2013.

P17 - Área "Restrita"

Área apontada pelos *kinja* como restrita, sem nenhuma informação que pudesse ser repassada.

P18 - Área "Restrita"

Área apontada pelos *kinja* como restrita, sem nenhuma informação que pudesse ser repassada.

P19 - Área "Restrita"

Área apontada pelos *kinja* como restrita, sem nenhuma informação que pudesse ser repassada.

24/07/2013

P20 e P21- Área de coleta de palha

Estes pontos foram marcados pelos *kinja* como sendo áreas de coleta tradicional de palha, sendo uma área de Floresta Ombrófila Aberta localmente reconhecida como área de coleta de palha, identificada por eles como sendo de grande importância.

Uma característica da área é o grande número de indivíduos de palmeiras de *karabyna*, citada anteriormente no ponto P09, que é utilizada para a confecção do "telhado" das malocas e cobertura dos acampamentos temporários (Figura 1-44 e Figura 1-45). Neste local foi realizada demonstração de como os indígenas efetuam a subida em árvores através do uso da peconha (Figura 1-46).

Neste ponto houve a explicação pelos *kinja* sobre o significado das placas de advertência, quanto ao atropelamento de animais ao longo da BR-174. A placa do jabuti, por exemplo, está localizada na região onde há grande concentração dessa espécie (Figura 1-47). O mesmo ocorre com as demais placas espalhadas ao longo da BR-174, dentro dos limites da TI Waimiri Atroari, para cada região um animal ilustra a placa de acordo com o local de ocorrência das espécies.



Foto PWA.

Figura 1-44 - Forma tradicional de coleta de palha para telhados das malocas. 24/07/2013.



Foto PWA.

Figura 1-45 - Palha para telhados das malocas. 24/07/2013.



Foto PWA.

Figura 1-46 - Demonstração do uso da peconha para subida em árvores pelos kinja. 24/07/2013.



Foto PWA.

Figura 1-47 - Placa de advertência para que os motoristas não atropelam na BR-174. 24/07/2013.

P22 - Área de roçado (kapaa) - aldeia Mynawa

Primeiro roçado (*kapaa*) visitado, localizado na entrada da estrada de acesso a Aldeia *Mynawa*. Está no segundo plantio e incluem plantações de cana de açúcar, banana, mandioca, batata, abacaxi, caju, cará, entre outros. São necessários cerca de cinco meses para o roçado ficar pronto. As áreas de roçado são substituídas a cada quatro ou cinco anos, entrando num período de descanso para recuperação do solo. A *makamyka* (embaúba-*Cecropia* sp.) é o indicador da qualidade do solo, para que se possa dar início a um novo roçado na área, após o período de descanso. Os roçados tem início de plantio na época das chuvas (julho), sendo que várias aldeias podem utilizar o mesmo roçado (roçado comunitário). O entorno desta área de roçado é classificado como Floresta Ombrófila Densa, e utilizada para coleta de frutas e também de madeiras para construções.



Foto PWA

Figura 1-48 - Área de roçado em uso. 24/07/2013.



Foto PWA

Figura 1-49 - Área de roçado em uso. 24/07/2013.

P23 - Área de buritizal (mixi behe)

Neste ponto foi observada a coleta do buriti pelos *kinja*. Antigamente, os *kinja* derrubavam os buritis para a colheita, mas cinco anos atrás aprenderam técnicas de rapel que evita o corte dos buritis para coleta dos frutos, tendo em vista que o buriti frutifica somente uma vez ao ano e é muito apreciado na dieta dos *kinja*. Esta prática reflete a busca constante pela adoção de práticas de uso sustentável dos recursos naturais pelos Waimiri Atroari.



Foto PWA.

Figura 1-50 - Forma de coleta sustentável dos buritis pelos Waimiri Atoari. 24/07/2013.



Foto PWA.

Figura 1-51 - Uso de rapel na coleta dos buritis pelos Waimiri Atoari. 24/07/2013.

P24 - Área de pasto

Área de pastagem, próxima ao Posto de Vigilância Jundiá. No passado houve criação de gado, mas desistiram optando pela criação de carneiros e ovelhas. No momento da visita a área estava sem animais.



Foto PWA.

Figura 1-52 - Área de pasto próxima ao PV Jundiá. 24/07/2013.

P25 - Área de coleta para artesanato.

O ponto visitado foi apresentado como área de coleta de frutas, materiais para artesanato e também de madeiras para construções, com sub-bosque abundante (Floresta Ombrófila Densa). No local foi indicada abundância de envireiras (*amoty*). *Baky* (*Ischnosiphon arouma*) é a espécie de herbácea da qual se extrai a fibra utilizada para a confecção de artesanatos.



Foto PWA.

Figura 1-53 - Área de coleta. 24/07/2013.

P26 - Área de coleta de palha

Este ponto foi marcado pelos *kinja* como sendo uma área de coleta tradicional de palha, sendo uma área de Floresta Ombrófila Aberta, identificada por eles como sendo de grande importância. No local também se observou a *pakysa* (*Bagassa guianensis*), espécie de árvore cuja casca é utilizada para carregar os bebês e crianças, enquanto a madeira é utilizada para a confecção das canoas.

Uma característica da área é o grande número de indivíduos e de espécies de palmeiras utilizadas. Dentre estas se destacam o *karyna* - (*Mauritiella aculeata*) e o *karabyrna* (*Mauritia carana*) cujas folhas são utilizadas para cobertura das malocas (palha).



Foto PWA.

Figura 1-54 - Área de coleta. 24/07/2013.

P27 - Aldeia Xeri (aldeia atual)

Entrada que dá acesso a aldeia Xeri.



Foto PWA.

Figura 1-55 - Entrada da aldeia Xeri. 24/07/2013.

P28 - Roçado antigo

Área de roçado antigo, que segundo informações dos indígenas está abandonada há cerca de 10 anos. No local observa-se floresta em regeneração com dominância de indivíduos de embaúba (*Cecropia* sp.). O local foi apontado como área de coleta de frutas e de castanhas e também de madeiras para construções (muitas enviras - Amoty).

25/07/2013

P29, P30 e P31 - Ninhal de Araras

Área tipicamente alagada, classificada como Floresta de Formação Pioneira Aluvial (buritizal). Esse tipo de ambiente atrai diversas espécies de animais sendo oportuno para atividades de caça. Este ponto trata-se de um ninhal de araras, onde podem ser observados diversos indivíduos de *Ara ararauna*, (grande maioria) e de *Ara chloropterus* (menor número). No ponto P33, durante a visita foi avistada uma sucuri.



Foto PWA.



Foto PWA.

Figura 1-56 - Indivíduos de *Ara ararauna* em área de buritizal. 25/07/2013.

Figura 1-57 - Área de buritizal com ninhal de Araras. 25/07/2013.

P32 - Posto Indígena lawara

Este ponto teve como objetivo a apresentação do Posto Indígena (PIN) lawara, que serve como base para atendimentos de saúde dos *kinja*, além de possuir criações de carneiros, galinhas patos e um açude para criação de peixe. Foram realizadas conversas com a agente de saúde sobre o funcionamento do Posto e obtenção de dados do Subprograma de Saúde do PWA. A funcionária do posto indicou que os acidentes com serpentes ocorrem, mas que não são fatais, pois tem um sistema de comunicação e soros antiofídicos bastante eficientes.



Figura 1-58 - Posto indígena lawara. 25/07/2013.



Foto PWA.

Figura 1-59 - Posto indígena lawara. 25/07/2013.

P33, P34e P35 - Passagens de fauna

Referem-se a trechos da BR-174 onde as copas das árvores existentes às margens da rodovia se conectam, formando passarelas para a fauna arborícola. Segundo dados do PWA já foram registrados macacos-prego e saguis-mão-de-ouro utilizando essas passarelas. Nas falas dos *kinja* são mencionadas as passarelas de fauna: "*As passarelas são para ajudar... deveria haver passarelas em todo o trecho da BR-174*".



Figura 1-60 - Passagem natural de fauna.
25/07/2013.



Figura 1-61 - Passagem natural de fauna.
25/07/2013.

P36, P37 e P38 - Passagem de fauna

Referem-se a trechos da BR-174 onde as copas das árvores existentes às margens da rodovia se conectam formando passarelas para a fauna arborícola. Segundo dados do PWA já foram registrados macacos-prego e saguis-mão-de-ouro utilizando essas passarelas.

P39 - Igarapé Xeri

Igarapé utilizado como área de pesca na época em que o rio está mais seco e de caça no período das cheias. Local onde tem muito *xeri* (arraia), por isso o nome. Além de *xeri* o igarapé é repleto de poraquês e jacarés pequenos (*lakeri*) e jacarés grandes (*Ikree*). Nesta região se encontra Aves de caça, tais como jacu e mutum em abundância. Neste ponto foram contadas estórias do macaco aranha e do mico mão-de-ouro.



PWA.



Foto PWA.

Figura 1-62 - Igarapé Xeri. 25/07/2013. Foto

Figura 1-63 - Igarapé Xeri. 25/07/2013.

P40 - Açude para criação de peixes e quelônios

Este açude é usado para criação de peixes e também para criação inicial de tartaruga da Amazônia. A ideia desse açude é usar futuramente os animais como alimento para os *marybas* de todas as aldeias.

“... Pros nossos rios não tem esse tipo de pirarucu, não tem tambaqui, então é pra equilibrar o que tem no nosso rio. Não é por que tem pouco peixe no rio, é pra equilibrar, por que você imagine, se a gente tirar só do rio, o que vai restar pros nossos filhos, nossos netos, então a gente tem que pensar no nosso futuro.”

Equilibrar, por que antigamente não tinha esses invasores que vinham lá de baixo pegando com arrastão, a gente tá vendo essa dificuldade, não é dentro da nossa área a gente tá olhando lá de fora. Por que muitos kaminja vêm com arrastão e leva tudo, não sobra nada, então a gente está preocupado com isso...

... Isso ocorre no rio Branco, Jauaperi com rio Negro, isso por causa das pescas comerciais e esportivas... o homem branco não pensa no futuro dele, nem nos netos deles, nem nos filhos deles, se não tiver mais no rio, o que é que eles vão comer?"



Foto PWA.

Figura 1-64 - Açude para criação de peixes e quelônios. 25/07/2013.

Nesse ponto foram vistas pegadas de *petxi* (Figura 1-65), onde se iniciou a caçada dos *kinja* atrás do bando de *petxi* (descrito no P42).



Foto PWA.

Figura 1-65 - Pegada de *petxi* em superfície arenosa. 25/07/2014.

P41 - Passagem de Fauna

Referem-se a trechos da BR-174 onde as copas das árvores existentes às margens da rodovia se conectam formando passarelas para a fauna arborícola. Segundo dados do PWA já foram registrados macacos-prego e saguis-mão-de-ouro utilizando essas passarelas.

P42 - Área de caça e pesca

Neste ponto foi avistado um buritizal numa margem da BR-174 e Floresta Ombrófila Densa do outro. Visualizado um pato selvagem no lago ao lado da BR-174, além de macaco prego, perema, queixada e sucuri. Foi relatado pelos indígenas como sendo uma área de caça e pesca. Foi neste ponto que ocorreu a caçada ao *petxi* (Figura 1-66 e Figura 1-67).



Foto PWA.

Figura 1-66 - Caçada ao *petxi* (queixada).
25/07/2013.



Foto PWA.

Figura 1-67 - Caçada ao *petxi* (queixada).
25/07/2013.

26/07/2013

P43 - Avistamento de onça-pintada (temere)

Local onde foi avistada uma onça-pintada atravessando a BR-174, durante as atividades de campo. Esse ponto de avistamento da onça ocorreu no local onde existe uma placa do PWA solicitando cuidado para atropelamentos, pelo fato deste ser justamente um trecho de travessia de onça. Isso ressalta o conhecimento *kinja* acerca do seu território.

P44, P45 e P46 - Passagens de fauna

Referem-se a trechos da BR-174 onde as copas das árvores existentes às margens da rodovia se conectam formando passarelas para a fauna arborícola. Segundo dados do PWA já foram registrados macacos-prego e saguis-mão-de-ouro utilizando essas passagens.

P47 - Área de caça e pesca

Área sinalizada pelos indígenas como sendo uma importante área para caça e pesca. Não houve visita ao local, apenas foi indicado pelos *kinjas*.

Neste ponto foi relatado pelos *kinjas* que a escolha do local de instalação da aldeia deve ser sempre plano, pois haverá desmatamento e o solo não pode "escorrer".

P48 - Animais Atropelados

Neste ponto houve registro de uma mucura e de um jacaré, atropelados na BR-174, durante a as atividades do ECI.



Foto PWA.

Figura 1-68 - Mucura atropelada na BR-174.
26/07/2013.



Foto PWA

Figura 1-69 - Jacaré atropelado na BR-174.
26/07/2013.

P49 - Afloramento rochoso próximo a BR-174

Registro de um afloramento rochoso localizado as margens da BR-174.

P50 e P51 - Caminho de caça e acampamento temporário

Caminho de caça que dá acesso a uma área utilizada como acampamento temporário pelos kinja, durante os deslocamentos do maryba. Foram registradas fezes de onça com pelo de preguiça e foi relatado pelos kinja que as fezes das onças são usadas para dar banho no bahinja (crinça) durante o maryba, para que o menino sonhe com a onça e se torne um bom caçador (Figura 1-70).

Relataram que os macacos-aranha conseguem pegar as flechas que são atiradas neles e jogar de volta nos kinja, por isso, eles são bem cautelosos na caça desse primata. Eles usam como estratégia de caça aos macacos, atacá-los quando estão em árvores emergentes, pois dessa forma ficam encurralados.



Foto PWA.

Figura 1-70 - Fezes de onça com pelo de preguiça.
26/07/2013.



Foto PWA.

Figura 1-71 - Caminho de caça e acesso a
acampamento temporário. 26/07/2013.

P52 e P53- Ninhal de araras

Área tipicamente alagada, classificada como Floresta de Formação Pioneira Aluvial (buritizal). Esse tipo de ambiente atrai diversas espécies de animais e é excelente para atividades de caça.

Trata-se de "ninhais" de araras, onde podem ser observados diversos indivíduos de *ara ararauna*, (grande maioria) e de *ara chloropterus* (menor número). A área do P53 não foi visitada, apenas visualizada.

27/07/2013

Neste dia foram realizadas atividades no NAWA, para discussão e entendimento acerca dos diferentes ambientes existente na TI, na área de estudo do Corredor da LT dentro da TI. Assim, foram por eles expostas e representadas em desenho as classificações de ambientes e suas principais características na interpretação dos *kinja*.

28/07/2013

P54 - Igarapé Kiriri

Chamado por eles como sendo um tipo de *Krassa Behe* (não sendo o *Krassa Behe* descrito nos Mapas Vividos), que significa áreas de lama, com pouca vegetação cobrindo o solo, na beira de igarapés, grande quantidade de palmeiras (médias e pequenas) com árvores maiores isoladas.

Área com bueiro de passagem da água do igarapé pela BR-174, sujeita a alagamento e com solo arenoso.



Foto PWA.

Figura 1-72 - Igarapé Kiriri. 28/07/2013.



Foto PWA.

Figura 1-73 - Igarapé Kiriri. 28/07/2013.

P55 - Área de Castanhal

Área de Castanhal cerca de 2 km perpendicular a BR-174, chamado por eles de “freezer de cotia”. Trata-se de uma área de roçado antigo, em descanso desde 2003.

P56 - Área “restrita”

Área apontada pelos *kinja* como restrita, sem nenhuma informação que pudesse ser repassada.

P57 - Açude para criação de peixes

Área de açude para criação de tartarugas e peixes, pirarucu e tambaqui, em frente à entrada do PIN Iawara.



Foto PWA.

Figura 1-74 - Açude para criação de tartarugas e peixes. 28/07/2013.

P58 - Área de roçado (kapaá)

Área de roça com três anos de uso, que será utilizada por mais dois anos antes de ser colocada em descanso. Depois de iniciada a produção a colheita é feita a cada dez dias. Foram encontradas na área: batata doce; abacaxi; mandioca; banana; cará; cana de açúcar; mamão; e árvores derrubadas para a limpeza da área que são utilizadas como lenha.



Foto PWA.

Figura 1-75 - Área de roçado em uso. 28/07/2013.



Foto PWA.

Figura 1-76 - Área de roçado em uso. 28/07/2013.

P59 - Área de roçado (kapaá)

Esta área de roçado possui um pedaço da área com plantio de cinco anos e outra parte do roçado com apenas um ano. Ainda estavam colhendo a lenha da limpeza da área.



Foto PWA.

Figura 1-77 - Área de roçado em uso. 28/07/2013.



Foto PWA.

Figura 1-78 - Área de roçado em uso. 28/07/2013.

P60 - Área Restrita

Área apontada pelos *kinja* como restrita, sem nenhuma informação que pudesse ser repassada.

P61 - Serra do Currupira.

Área de morro, sendo uma Floresta Ombrófila Densa Submontana. Essa área foi visitada por representar o *wypy behe*. É uma área de coleta de madeiras para construções, com sub-bosque abundante.



Figura 1-79 - Serra do Currupira. 28/07/2013.



Figura 1-80 - Serra do Currupira. 28/07/2013.

P62 - Margem do rio Alalaú

Neste ponto foi visitada a margem do rio Alalaú identificada por eles como *ware bi* (Mata ciliar) e *keneia paty*. Foi relatado que no rio Alalaú encontram lontra, ariranha, peixe boi, boto e jacaré. Neste ponto foi informado pelos *kinja* que eles não fazem uso do timbó para pesca.



Figura 1-81 - Visita a margem do rio Alalaú.
28/07/2013.



Figura 1-82 - Visita na margem do rio Alalaú.
28/07/2013.

29/07/2013

Nesse dia foi realizado o fechamento das atividades do primeiro campo no NAWA, com a discussão dos Mapas Vividos de Conflitos e de Índios Isolados. Foi um momento importante em que os *kinja* afirmaram que compreendiam o nosso papel no estudo, e que nós éramos profissionais que estávamos realizando o nosso trabalho.

“A gente sabe que vocês são profissionais corretos que vieram representar o estudo, mas vocês são apenas iscas, nós somos o peixe e o governo está usando vocês para conseguir construir a linha dentro da nossa terra”

No final cada integrante da equipe técnica falou um pouco sobre a experiência do primeiro campo, agradecendo a rica vivência.

1.2 - 2ª CAMPANHA DE CAMPO

1.2.1 - 1ª Etapa - Vistoria as LTS em Operação e Instalação

A 1ª etapa da 2ª Campanha de Campo refere-se às visitas realizadas em Linhas de Transmissão em operação e em instalação na região Amazônica.

24/09/13

Foi realizada visita a LT 500 kV Oriximiná - Manaus em operação. A visita teve início na Subestação Engenheiro Lechuga e em seguida foi realizada visita às torres 222/2 e 223/1, como exemplos de torres autoportantes, e às torres 218/1 e 218/2, como exemplos de torres estaiadas. No período da tarde foram visitados diferentes pontos, tais como: travessia de Linha de Transmissão em rodovia; acessos pela faixa de servidão; acesso por fora da faixa; faixa de serviço em regeneração, onde houve supressão apenas para o lançamento dos cabos; pontos de aterramento das torres; entre outros.



Figura 1-83 - Visita a LT 500 kV Oriximiná - Manaus, área da Subestação. 24/09/13.



Figura 1-84 - Visita a LT 500 kV Oriximiná - Manaus, área de torre autoportante. 24/09/13.



Figura 1-85 - Visita a LT 500 kV Oriximiná - Manaus, área de torre estaiada. 24/09/13.



Figura 1-86 - Detalhe do mastro central da torre estaiada. 24/09/13.



Figura 1-87 - Visita a LT 500 kV Oriximiná - Manaus, faixa de serviço. 24/09/13.



Figura 1-88 - Visita a LT 500 kV Oriximiná - Manaus, faixa de serviço. 24/09/13.



Figura 1-89 - Visita a LT 500 kV Oriximiná - Manaus, área de torre autoportante. 24/09/13.



Figura 1-90 - Visita a LT 500 kV Oriximiná - Manaus, área de torre estaiada. 24/09/13.

26/09/2013

Foi realizada visita a LT CC 600 kV Porto Velho - Araraquara 02, nº 02 em instalação. As atividades tiveram início com deslocamento de Manaus/AM para Porto Velho/RO. Ainda neste dia foi realizada visita a área de torre com recente supressão da vegetação. Em seguida o grupo seguiu para uma área de torre em processo de concretagem da fundação autoportante, já no período da noite.



Figura 1-91 - Visita a LT CC 600 kV Porto Velho - Araraquara 2, n°02, supressão da vegetação e área de torre. 26/09/13.



Figura 1-92 - Visita a LT CC 600 kV Porto Velho - Araraquara 2, n°02, supressão da vegetação em área de torre. 26/09/13.



Figura 1-93 - Visita a LT 500 kV Oriximiná - Manaus, área de concretagem de torre autoportante. 26/09/13.



Figura 1-94 - Visita a LT 500 kV Oriximiná - Manaus, área de concretagem de torre autoportante. 26/09/13.

27/09/2013

Neste dia o grupo retornou para a área do dia anterior para acompanhar o andamento das atividades de concretagem da fundação da torre autoportante, em seguida foi visitada uma fundação de torre estaiada e, por fim, o grupo seguiu para a torre 211/1 para acompanhamento de montagem de torre autoportante manual.



Figura 1-95 - LT CC 600 kV Porto Velho - Araraquara 02, nº 02, área de vivência em área de torre autoportante. 27/09/2013.



Figura 1-96 - LT CC 600 kV Porto Velho - Araraquara 02, nº 02, área de concretagem fundação de torre autoportante. 27/09/2013.



Figura 1-97 - LT CC 600 kV Porto Velho - Araraquara 02, nº 02, área de fundação de torre estaiada. 27/09/2013.



Figura 1-98 - Detalhe da área de fundação de torre estaiada. 27/09/2013.



Figura 1-99 - LT CC 600 kV Porto Velho - Araraquara 02, nº 02, montagem de torre autoportante manual. 27/07/2013.



Figura 1-100 - LT CC 600 kV Porto Velho - Araraquara 02, nº 02, montagem de torre autoportante manual. 27/07/2013.

1.2.2 - 2ª Etapa - Áreas de Estudo do ECI

A 2ª etapa da 2ª Campanha de Campo refere-se às atividades realizadas nas áreas de estudo do ECI, sendo elas: área do Corredor da LT dentro da TI; Área da TI; e Área de Entorno.

1.2.2.1 - Área de Estudo do Corredor da LT dentro da TI

02/10/13

As atividades desta etapa se iniciaram pela apresentação aos *kinja* dos filmes elaborados durante as visitas realizadas às LT em operação e em instalação em Manaus e Porto Velho, respectivamente.

03/10/13

Foi realizada a vistoria no trecho do Corredor da LT no trecho dentro da TI, que não foi realizado na primeira campanha. Ao final do dia foram realizadas discussões no NAWA referentes ao conceito de *behe* e *paty* e as Áreas "Restritas". Abaixo seguem as descrições dos pontos de vistoria do trecho da BR-174.

P63 - Área de coleta para artesanato (waryma)

Área de coleta de *waryma* (*Ischinosiphon polyphyllus*) e *baky* (*Ischinosiphon arouma*) e de outras plantas e sementes utilizadas na confecção dos cestos (*matyty*), pulseiras, tangas, colares, anéis e *jamanxi* (mochilas). O *baky* é utilizado no acabamento das partes curvas do cesto. Durante a visita a este ponto foi enfatizado pelos *kinja* que tudo o que precisam está na mata e que usam todos os itens.

"tudo está aqui... usamos tudo" (Waracaxi Zé Maria)

Foi registrada nessa área uma "casa" de inseto (uma espécie de besouro branco - *pykypyky*) utilizado como remédio para asma pelos *kinja*. Esta espécie é encontrada em área próxima a presença da árvore *kanayba*. Quando a árvore morre o inseto se muda e abandona a "casa". (Figura 1-103)



Figura 1-101 - Visita a área de coleta no Corredor da LT, dentro da TI. 03/10/2013.



Figura 1-102 - Visita a área de coleta no Corredor da LT, dentro da TI. 03/10/2013.



Figura 1-103 - "Casa" de inseto (besouro branco - *pykykyky*). 03/10/2013.



Figura 1-104 - Matação de provável Gnaiss. 03/10/2013.

O local é usado para caça e havia muitos rastros de caititu (*pakia*). O espinho do patauá chamado de *maxe´kyba* é usado para fixar as penas nos cocares durante o *maryba* e também serve para confeccionar pequenos arpões usados pelos *bahinja* (criança) para pesca. Neste ponto foi visualizada uma rocha de provável Gnaiss, em que houve uma grande interação entre o grupo de trabalho *kinja* e a equipe técnica sobre as rochas do local (Figura 1-104).

P64 - Krassa Behe

Esta área foi apresentada pelos *kinja* como sendo um tipo de *krassa behe*. Trata-se de uma área muito importante para caça, por se tratar de um ambiente que permanece sempre com água, principalmente na época da seca, quando os animais se deslocam todos para estas áreas. Neste ponto foi mostrado o material para a confecção da flauta de *kinja* (*waiamy dede*).



Figura 1-105 - Área de *krassa behe*. 03/10/2013.



Figura 1-106 - Área de *krassa behe*. 03/10/2013.

P65 - Wypy Behe

Neste ponto foi visitado um ambiente localizado em área alta (*wypy*), onde foram discutidos cenários quanto à localização das torres e suas implicações. Trata-se de uma área de coleta de frutas e também de madeiras para construções, com sub-bosque abundante (Floresta Ombrófila Densa).



Figura 1-107 - Área de *wypy behe*. 03/10/2013.



Figura 1-108 - Área de *wypy behe*. 03/10/2013.

P66 - Buritizal (mixi behe)

Área de buritizal modificada pelo represamento da BR-174, tipicamente alagada, cujos solos do tipo hidromórfico, são permanentemente encharcados, é classificada como Formação Pioneira Aluvial. Esse tipo de ambiente atrai diversas espécies de animais e é excelente para atividades de caça, por isso é chamado por eles de “zoológico natural”, pois atrai diversas espécies de animais e é excelente para atividades de caça.



Figura 1-109 - Área de *mixi behe* represada pela BR-174. 03/10/2013.

P67 até P70 - Área Restrita - Maraha

Área de ocupação tradicional (*maraha*), que incluía aldeia e áreas de roçados, identificado pelo nome de *Akoipaa*. Eles o localizaram através de um pé de macaxeira que cresceu as margens da BR-174, assim como pelas histórias dos antigos. Os *kinja* deixaram o local antes da BR-174, devido a conflitos internos. A BR-174 interceptou esta área, que é considerada pelos *kinja* como área sagrada (restrita). Neste ponto foi contata a história do *lanana*.



Figura 1-110 - Área de *maraha* identificada a margem da BR-174. 03/10/2013.

1.2.2.2 - Área de Estudo - Área de Entorno

A partir desse dia foram visitados os pontos definidos na Área do Entorno e a partir do dia 11/10 foram visitados os pontos referentes às Terras Indígenas. A Área de Entorno considerou o território tradicional do povo Waimiri Atroari e ainda áreas de importância cultural, conflitos e pressões sofridas por pesqueiros, assentamentos, madeireiros, etc. Já em relação à área das Terras Indígenas, foram visitados pontos indicados pelos *kinja* na vicinal que liga a BR-174 até a Mineradora Taboca, incluindo a mineradora.

04/10/13

Neste dia foi realizado o deslocamento para o Posto de Vigilância Mahoa. O trajeto foi feito a partir do NAWA, em que se segue pela BR-174 até a entrada da vicinal que liga a BR-174 ao rio Jauaperi, vicinal conhecida como “estradinha” pelos *kinja* (Figura 1-111). Pelo rio Jauaperi, o trajeto foi realizado de barco até o Posto de Vigilância Mahoa (Figura 1-112), com uma parada rápida no Posto Indígena (PIN) Alalaú (Figura 1-113 e Figura 1-114), para que os *kinja* pegassem alimentos que são produzidos no PIN (como por exemplo, ovos) e que seriam utilizados no PV Mahoa. Foi relatado que no PIN Alalaú trabalham dois *kinjas* por 30 dias, realizando rodízios com outros *kinjas* de quatro aldeias próximas. O PIN conta com telefone, internet, energia elétrica provida por captação da energia solar (Figura 1-115) e ainda criação de galinhas, peixe e carneiro.



Figura 1-111 - Ponto final da “estradinha” as margens do rio Jauaperi. 04/10/2013.



Figura 1-112 - Deslocamento para o PV Mahoa, rio Jauaperi. 04/10/2013.



Figura 1-113 - PIN Alalaú. 04/10/2013



Foto PWA.

Figura 1-114 - PIN Alalaú. 04/10/2013.



Foto PWA.

Figura 1-115 - Sistema de captação de energia solar do PIN Alalaú. 04/10/2013.



Foto PWA.

Figura 1-116 - *Kinja* transportando alimentos produzidos no PIN Alalaú. 04/10/2013.

Durante o trajeto foi observado que a dinâmica do rio atua fortemente na paisagem, que apresenta uma grande riqueza de diversidade e variedade de ambientes, tendo sido avistadas diversas espécies de aves semiaquáticas, tartarugas, botos e tucuxi. Merece destaque na margem do rio Jauaperi a constante presença de um tipo de palmeira identificada pelos *kinja* como Jauerí (*iarywei*) e que dá nome ao rio (Figura 1-120).



Figura 1-117 - Margem do rio Jauaperi. 04/10/2013.



Figura 1-118 - Rio Jauaperi. 04/10/2013.



Figura 1-119 - Margem do rio Jauaperi.
04/10/2013.



Foto PWA.

Figura 1-120 - Margem do rio Jauaperi com a presença da palmeira jauari (*iarywei*), que dá o nome ao rio. 04/10/2013.

P71 - Posto de Vigilância Mahoa

O Posto de Vigilância Mahoa está localizado as margens do rio Jauaperi e assim como os demais postos possui infraestrutura, que inclui energia elétrica, provida por captação de energia solar e acesso a internet. A função essencial deste posto é a fiscalização dos rios Jauaperi e Macucuaú. Durante as atividades do 2º campo, realizadas nos rios Jauaperi e Macucuaú, o PV Mahoa serviu como base para a equipe consultora.



Foto PWA.

Figura 1-121 - PV Mahoa. 04/10/2013.



Figura 1-122 - Chegada da equipe ao PV Mahoa. 04/10/2013.



Foto PWA.

**Figura 1-123 - Infraestrutura do PV Mahoa.
04/10/2013.**



Foto PWA.

**Figura 1-124 - Sistema de captação de energia solar
do PV Mahoa. 04/10/2013.**



Foto PWA.

Figura 1-125 - Rio Jauaperi em frente ao PV Mahoa. 04/10/2013.

05/10/13

Neste dia, após a realização de reunião para a definição das atividades foram realizadas visitas às comunidades ribeirinhas ao longo do rio Jauaperi. Foi relatado que no rio Jauaperi os *kinja* sofrem pressão de castanheiros, pescadores comerciais, tartarugueiros, marinha, entre outros. Por conta desses conflitos, em 2002 foi criado o Posto de Vigilância Mahoa a fim de fiscalizar o rio Jauaperi.

Os *kinja* informaram que no passado eles ocupavam toda a área ao longo do rio Jauaperi, até a ilha do Jacaré. Com as pressões dos *kaminja* eles recuaram. Nos anos 2000 resolveram parar de recuar e de ceder às pressões, pois os tartarugueiros estavam chegando muito perto da aldeia Paryry (última fronteira da terra homologada), e avançaram criando o PV Mahoa.

Em 2003 receberam uma proposta dos ribeirinhos que ocupam as margens do rio Jauaperi para "fechar o rio", entretanto, foi afirmado que são os próprios ribeirinhos que trazem os *kaminja* para explorar a área, através da pesca, para abastecer os geleiros (navios com *freezers* utilizados para a pesca comercial).

Foi relatado pelos *kinja* que existe um acordo em que o rio Jauaperi deveria ser fechado durante três anos e reaberto por mais três anos, repetindo esse ciclo, para que os peixes e tartarugas pudessem se recuperar. Entretanto, segundo os *kinja*, os próprios ribeirinhos levam os pescadores para lá durante esse período de descanso. Além disso, foi relatado que, apenas por usarem o rio Jauaperi como "caminho" os *kinja* já são considerados pelos ribeirinhos uma ameaça, sendo que na época das eleições os políticos prometem a "libertação" o rio Jauaperi.



Figura 1-126 - Reunião no PV Mahoa. 05/10/2013.



Foto PWA.

Figura 1-127 - Equipe em conversas no PV Mahoa. 05/10/2013.

P72 - Lagoa na entrada da comunidade Xixuaú

Lago natural formado no rio Jauaperi, na entrada da comunidade Xixuaú, que concentra grande diversidade de animais, incluindo peixes, jacarés, tartarugas, ariranha, botos, dentre outros.

P73 - Comunidade Xixuaú

Na comunidade vivem 15 famílias. As condições de saúde e saneamento básico são precárias. São mais extrativistas (castanha) do que caçadores/coletores. Estão investindo no ecoturismo com o objetivo é divulgar seu modo de vida e a observação de animais silvestres. Possuem energia solar, internet e escola na comunidade, mas os adolescentes estão deixando a comunidade para continuar os estudos na cidade.

Foi mencionada a criação da Reserva Extrativista do Baixo Rio Branco e Jauaperi com grande expectativa pelos moradores. Esse estudo de criação da reserva foi iniciado em 2001, e segundo relato dos moradores locais, 6.000.000 de hectares serão doados pela União ao estado de Roraima, com a condição de criação/regularização de unidades de conservação no estado e elaboração do Zoneamento Ecológico Econômico - ZEE. Com o intuito de viabilizar a criação da RESEX o governo cadastrou as famílias ribeirinhas para que em novembro de 2013 os moradores recebessem o Termo de Autorização para Uso Sustentável - TAUS, com período de vigência de 30 anos. No momento essa avaliação está com o SPU de Roraima.



Foto PWA

Figura 1-128 - Área da comunidade Xixuaú, rio Jauaperi. 05/10/2013.



Foto PWA.

Figura 1-129 - Área da comunidade Xixuaú destinada ao turismo ecológico, rio Jauaperi. 05/10/2013.

P74 - Praia no rio Jauaperi

Área de deposição fluvial de areia na beira do rio Jauaperi que é utilizada por répteis, como berçário, e pelas aves migratórias, como área de repouso.

P75 - Maraha Wybyny

Durante o deslocamento entre as comunidades Xixuaú e Itaquera houve uma parada neste ponto, que representa uma aldeia antiga chamada de Wybyny. Contam os antigos que a aldeia foi inundada e o povo desapareceu. Alguns sobreviventes ficaram ilhados no alto das árvores até o rio secar. Esta área tem importância na origem dos *kinja*. Durante as conversas foi dito que a história e a origem dos *kinja* ficou toda fora da TI homologada, no rio Jauaperi. Os povoados de São Pedro, Sumaúma e Itaquera estão instalados em áreas de aldeias antigas.

"A história dos kinja ficou toda para fora... é triste" (Waracaxi Zé Maria).



Figura 1-130 - Área de *Maraha* visitada, as margens do rio Jauaperi. 05/10/2013.



Foto PWA.

Figura 1-131 - Relato *kinja* sobre a origem dos mesmo, rio Jauaperi. 05/10/2013.

P76 - Comunidade Itaquera

A comunidade surgiu em 1948. Atualmente é composta por 36 famílias que vivem da agricultura (produção de farinha), coleta de castanha, artesanato (tem uma associação de artesãos desde 2002 - Associação de Artesãos do Rio Jauaperi). As vendas da castanha, farinha e peixes são feitas por atravessadores.

Estão aguardando a criação da RESEX com a visão de que isso facilitará a exploração dos recursos naturais. Tem escola com ensino até o 5º ano. Para as aulas até o 9º ano os estudantes devem se deslocar até a comunidade São Pedro, que fica no estado do Amazonas, na outra margem do rio Jauaperi. A comunidade não possui posto de saúde, apenas um agente de saúde.



Foto PWA



Foto PWA

Figura 1-132 - Comunidade Itaquera, rio Jauaperi.
05/10/2013.

Figura 1-133 - Comunidade Itaquera, rio Jauaperi.
05/10/2013.

P77 - Comunidade São Pedro

Na comunidade São Pedro, fundada em 1988, existe sete famílias. A comunidade possui uma escola bem estruturada que tem turmas do 1º ao 9º ano, sendo referência para a região. A escola possui merenda, estrutura e quatro professores sendo financiada pelo município de Novo Airão/AM e pela empresa Caté, também de Novo Airão/AM. A cidade de referência é Novo Airão. Por conta da falta de escolas, as populações ribeirinhas vêm diminuindo ao passar dos anos. Por fazerem parte do estado do Amazonas, não serão contemplados pela nova política da RESEX.

Os moradores dessa comunidade vivem basicamente da roça, coleta de castanha e produção de farinha, que segundo morador, algumas vezes consegue vender sem atravessadores. Além disso, fazem trocas de mercadorias, sendo sua produção usada como forma de pagamento para outro produto. A pesca é realizada para subsistência.



Foto PWA

Figura 1-134 - Comunidade São Pedro, rio Jauaperi. 05/10/2013.

P78 - Comunidade Samaúma

O local em que está situada a comunidade Samaúma é de uma antiga aldeia chamada Piripiri (*maraha*). Ela se localiza próxima a lagos onde pescadores ilegais atuam. Os pirarucus ocorriam em abundância nessa região, entretanto, com a pesca predatória não conseguem tempo hábil para repovoar suas populações.

A comunidade foi criada a cerca de 20 anos e há cinco famílias residentes. Há uma escola com ensino até a 4ª série, bem estruturada com três alunos e um professor (Figura 1-136). Os moradores, principalmente adolescentes e crianças, foram para Novo Airão/AM. A comunidade não possui posto ou agente de saúde e a energia é obtida a partir de geradores a diesel, com doação de 1.400 litros do combustível por mês pelo Estado. Foram relatados roubos e violência na comunidade e observadas muitas casas abandonadas (Figura 1-137 e Figura 1-138).



Foto PWA.

Figura 1-135 - Comunidade Samaúma, rio Jauaperi. 05/10/2013.



Foto PWA.

Figura 1-136 - Escola Estadual Manoel F. dos Santos, comunidade Samaúma, rio Jauaperi. 05/10/2013.



Figura 1-137 - Casa abandonada, comunidade Samaúma, rio Jauaperi. 05/10/2013.



Figura 1-138 - Casa abandonada, comunidade Samaúma, rio Jauaperi. 05/10/2013.

P79 - Antigo posto do SPI

Área de antigo posto do extinto Serviço de Proteção ao Índio - SPI, substituído pela FUNAI. O posto foi destruído duas vezes, no passado, por castanheiros e tartarugueiros.

06/10/13

Esse dia teve como objetivo a visita ao rio Macucuaú, considerado pelos *kinja* um local de refúgio da fauna. Além disso, segundo os *kinja*, o rio Macucuaú atua como um berçário para repovoamento dos rios que banham a TI, como o Jauaperi e Alalaú. Eles não pescam ou caçam no rio Macucuaú, apenas atuam fazendo a fiscalização.

O rio é cercado por uma diversidade enorme de ambientes que varia desde Florestas Ombrófilas Densas a Campinaranas. Ao longo de todo seu percurso, formam-se ilhas fluviais que, de fato, podem atuar como berçários de diversas espécies de plantas e animais. Foi destaca a presença de uma espécie de palmeira chamada de *karyna'a* na margem do rio Macucuaú, caracterizando a paisagem, mas os *kinja* não fazem uso dela.

Segundo os *kinja*, nas regiões de campinas, que se estendem até Roraima, há muita caça de capivara, anta, veado, macaco prego e guariba. Também há muita onça, jacaré, pirarucu, tambaqui, tartarugas, botos, peixe-boi, ariranha, dentre outros. Além da grande disponibilidade de peixe.

A partir do PV Mahoa na direção norte, a fiscalização no rio Macucuaú é realizada pelos *kinja* uma vez por semana. Foi mencionado que há um projeto do governo para abertura de um ramal que iria conectar a "estradinha" até o rio Branco a partir do rio Jauaperi, passando pelo rio Macucuaú até Santa Maria do Boiaçu/RR.

Os *kinja* chamaram a atenção para a árvore *piripiri*, um tipo de cedro emergente que é usado para a confecção de móveis e a casca para dar banho no *bahinja* no *maryba*.



Foto PWA.

Figura 1-139 - Vegetação diversificada a margem do rio Macucuaú. 06/10/2013.



Figura 1-140 - Vegetação diversificada a margem do rio Macucuaú. 06/10/2013.



Foto PWA.

Figura 1-141 - Em destaque a palmeira *karyna'a*, na margem do rio Macucuaú. 05/10/2013.



Foto PWA.

Figura 1-142 - Em destaque a árvore *piripiri*, rio Macucuaú. 06/10/2013.



Figura 1-143 - Vegetação diversificada a margem do rio Macucuau. 06/10/2013.

P81 - Ponto de avistamento da Ariranha

Ponto onde foi avistado um casal de ariranhas as margens do rio Macucuaú.



Figura 1-144 - Local de avistamento de ariranha, na margem do rio Macucuaú. 06/10/2013.



Foto PWA.

Figura 1-145 - Local de avistamento de ariranha, na margem do rio Macucuaú. 06/10/2013.

P80 - Maraha Wadyxi Mahry

Área de ocupação tradicional (*maraha*), que incluía aldeia e áreas de roçados.

P82 - Maraha

Área de ocupação tradicional (*maraha*), que incluía aldeia e áreas de roçados.

Neste ponto os *kinjá* falaram sobre a situação da caça. Eles têm noção de que a caça vem diminuindo com o aumento da população. Essa percepção se tornou mais clara após um estudo conduzido por Rosélis em meados de 2000, no qual ela acompanhou o dia a dia dos *kinja* em suas atividades de caça e constatou que já está havendo impacto sobre as populações dos animais nos entornos das aldeias e entre as aldeias, que convergem para uma região central de caça.

Dessa forma, através da educação foi entendido pelos *kinja* que deveriam ter áreas de descanso onde a fauna pudesse se reestabelecer e posteriormente repovoar outras áreas impactadas. Com isso surgiu a ideia das áreas preservadas, como o rio Macucuaú. Por esse motivo, fiscalizam essa região, pois a mesma ira suprir necessidades futuras. Além disso, iniciaram projetos de criação de animais para abate.

P83 - Acampamento de kaminja

Ponto em que foi encontrado um antigo acampamento temporário de *kaminja*, usado por tartarugueiros e pescadores, para ficarem sediados durante os períodos de caça e pesca.



Figura 1-146 - Acampamento de *kaminja*. 06/10/2013.

P84 -Maraha Wobihyna

Área de ocupação tradicional (*maraha*), que incluía aldeia e áreas de roçados.



Figura 1-147 - Local de *maraha*. 06/10/2013.

P85 - Maraha Pypy

Área de ocupação tradicional (*maraha*), que incluía aldeia e áreas de roçados.

P86 - Praia no rio Macucuaú

Área de deposição fluvial de areia na beira do rio Macucuaú, utilizada por répteis, como berçário e pelas aves migratórias, como área de repouso.

P87 - Maraha Myryry

Área de ocupação tradicional (*maraha*), que incluía aldeia e áreas de roçados.

07/10/13

Neste dia houve o deslocamento do PV Mahoa para o PV Jundiá. Durante o deslocamento realizado pelo rio Jauaperi foi avistada uma das praias onde os *kinja* recolhem filhotes de quelônios. Esses filhotes são levados para criação em cativeiro e soltos após cinco anos em rios estratégicos para o repovoamento de outros rios, como por exemplo, o rio Alalaú. É justamente nessa época do ano (setembro a novembro) que há invasões de tartarugueiros e pescadores, pois os rios se encontram mais baixos (seca) e as praias aparecem, propiciando a desova dos quelônios e conseqüentemente a ação dos tartarugueiros. Entre abril e junho os rios estão mais cheios e a caça e pesca são dificultadas. Os *kinja* fazem a fiscalização permanente desses rios, uma vez por semana a partir do Mahoa até o encontro do rio Jauaperi com a "estradinha". Duas vezes por semana fiscalizam o rio Macucuaú. A função do PV Mahoa é 100% de fiscalização e a equipe é exclusiva para este fim. As coletas e caças são realizadas pelas aldeias.

No fim do dia, quando a equipe retornou para o posto Jundiá, iniciaram-se as atividades nas vicinais ao norte da TI, que exercem pressões, na TI Waimiri Atroari e Pirititi.

P88 - Pedra do Jacaré

Este ponto se refere a um "pedral" na beira do rio, que protagoniza uma história contada pelos *kinja* de um jacaré que matou um *kinja*. Os outros *kinja* passaram a caçar o jacaré até encontrar o indivíduo que havia matado o *kinja* e relataram que conseguiram.

P89 - Ponto de Demarcação da TI.

Um dos pontos de visita foi o marco de demarcação da Terra Indígena Waimiri Atoari, na margem do rio Jauaperi, na ilha Iatrypa. Foram avistados botos no local.



Foto PWA

Figura 1-148 - Marco de demarcação da TI Waimiri Atoari, rio Jauaperi. 07/10/2013..



Foto PWA.

Figura 1-149 - Placa instalada no marco demarcatório da TI. 07/10/2013.

P90 - Praia no rio Jauaperi

Área de deposição fluvial de areia na beira do rio que é utilizada por répteis como berçário e pelas aves migratórias como área de repouso.



Foto PWA.

Figura 1-150 - Área de praia a margem do rio Jauaperi. 07/10/2013.



Foto PWA.

Figura 1-151 - Área de praia a margem do rio Jauaperi. 07/10/2013.

P91 - Encontro dos rios Jauaperí e Alalaú

Ponto que representa o encontro dos rios Jauaperi e Alalaú. Neste ponto os *bahinjas* estavam pescando.



Foto PWA.

Figura 1-152 - Bahinjas pescando no encontro dos rios Alalaú e Jauaperi. 07/10/2013.

P92 - Placa de limite da TI

Ponto que representa um dos marcos da TI homologada

P93 -Maraha Mena

Área de ocupação tradicional (*maraha*), que incluía aldeia e áreas de roçados.

P94 - Fazenda Carazinho

Ponto que foi visualizada uma placa identificando "propriedade particular Fazenda Carazinho".



Figura 1-153 - Placa da fazenda Carazinho. 07/10/2013.

P95 - Fazenda Conquista

Ponto que foi visualizada uma placa identificando "propriedade particular Fazenda Conquista".



Figura 1-154 - Placa da fazenda Conquista. 07/10/2013.

P96 - Desmatamento

Área indicada como sendo de desmatamento atual.

P97 - Fazenda Mel

Ponto que foi visualizada uma placa identificando “propriedade particular Fazenda Mel”.



Figura 1-155 - Placa da fazenda Mel. 07/10/2013

P98 - Picada para continuação da “estradinha”

Neste ponto foi identificada uma abertura de picada, que segundo os *kinja* é referente à continuação da “estradinha”, na margem esquerda do rio Jauaperi, fazendo a ligação de Rorainópolis/RR com Santa Maria do Boiaçu/RR. Foi relatado pelos *kinjas* que a obra está parada por falta de pagamento aos trabalhadores.

P99 - Vicinal Equador

Este ponto representa a vicinal Equador, a partir da BR-174 em direção à área da TI Pirititi. Nas margens desta vicinal foi verificado o uso da terra com plantações de dendê, cupuaçu, pupunha,

mandioca, milho, açaí, banana e pasto sujo. Trata-se de roças não mecanizadas e com uso de fogo na sua implantação. As moradias são relativamente novas e em fase construção e possuem energia elétrica. Foram avistadas casas de alvenaria e de madeira, roçados e desmatamentos.

No final da vicinal, onde foi visualizado um ramal sendo aberto em direção à área dos Pirititi.



Foto PWA.

Figura 1-156 - Vicinal Equador. Rorainópolis, RR.
07/10/2013.



Foto PWA.

Figura 1-157 - Vicinal Equador. Rorainópolis, RR.
07/10/2013.



Foto PWA.

Figura 1-158 - Vicinal Equador. Rorainópolis, RR.
07/10/2013.



Foto PWA.

Figura 1-159 - Ponto final da vicinal Equador.
Rorainópolis, RR. 07/10/2013.

P100 - Posto de Vigilância Jundiá

Assim como o PV Abonari, o Posto de Vigilância Jundiá, localizado em Rorainópolis/RR no limite norte da TI Waimiri Atroari, é responsável pela fiscalização e controle ao acesso noturno ao trecho da BR-174, dentro dos limites da TI.



Figura 1-160 - Posto de Vigilância Jundiá.
07/10/2013.



Figura 1-161 - Posto de Vigilância Jundiá.
07/10/2013.

08/10/13

P101 - Vicinal Trairi

Área com uso dominado por pastagens e limpeza mecanizada, além da presença de açudes, igreja e campo de futebol. São cerca de 15 km de estrada existente desde 1994. Os açudes são referentes a um projeto do governo (via Suframa) para criação de Tambaqui. Os tanques terão dimensões de 150x20 m e serão 12 beneficiários. A escola existente foi desativada e transferida para a localidade chamada Colina. Não há energia elétrica, mas há um projeto para instalação de rede de distribuição. A Fazenda Ouro representa o final da Vicinal Trairi. Nessa área foi visualizada uma jazida para extração de areia.



Foto PWA.

Figura 1-162 - Área desmatada, mecanicamente, na vicinal Trairi, Rorainópolis/RR. 08/10/2013.



Foto PWA.

Figura 1-163 - Moradia na vicinal Trairi, Rorainópolis/RR. 08/10/2013.



Foto PWA.

Figura 1-164 - Campo de futebol na área da vicinal Trairi, Rorainópolis/RR. 08/10/2013.



Foto PWA.

Figura 1-165 - Açude na vicinal Trairi,
Rorainópolis/RR. 08/10/2013.



Figura 1-166 - Moradia na vicinal Trairi,
Rorainópolis/RR. 08/10/2013.

P102 - Vicinal Arara

Área com ocupação similar a Vicinal Equador, em relação ao método de desmatamento para construção de moradias e implantação de cultivos. São 63 moradores e cerca de 16 km de estrada. Foi verificado o uso do solo com plantações de cupuaçu, mandioca, tucumã, açaí, urucum, banana, abacaxi, feijão. Restam 3 km para que a vicinal Arara se encontre com a vicinal Equador. Segundo informações de moradores em Novembro de 2013 deve começar a obra de interligação das duas vicinais.

O final dessa vicinal é a propriedade do senhor Francisco que relata a intensa atividade de caça na região, principalmente durante os finais de semana. Inclusive na varanda dele havia uma pele de jagatirica. Disse que ele e os vizinhos costumam caçar nos arredores da propriedade, não precisam adentrar na mata, pois há tanta caça que é possível caçar da própria varanda.



Figura 1-167 - Moradia na vicinal Arara,
Rorainópolis/RR. 08/10/2013.



Figura 1-168 - Limpeza de terreno com uso de fogo na área da vicinal Arara, Rorainópolis/RR. 08/10/2013.

P103 - Sede da Fazenda da área de desmatamento

Este ponto se refere a uma grande área de desmatamento dentro da Floresta Ombrófila Densa primária percorrida pela equipe de consultores.

09/10/13

As atividades foram realizadas no NAWA e esteve concentrada na abordagem das pressões e conflitos presentes no entorno da TI.

10/10/13

Partimos do PV Abonari em direção a Base Waba, na área da Rebio Uatumã. Seguimos pelo rio Abonari até o encontro com o rio Uatumã, pelo reservatório da UHE Balbina.



Figura 1-169 - Equipe em direção a Base Waba, Rebio Uatumã. 10/10/2013.



Foto PWA.

Figura 1-170 - Reservatório da UHE Balbina. 10/10/2013.



Figura 1-171 - Reservatório da UHE Balbina. 10/10/2013.



Figura 1-172 - Reservatório da UHE Balbina. 10/10/2013.

P104 - Antigo posto da Funai

Ponto que representa um antigo posto da Funai.

P105 - Posto de Vigilância Arine

Este ponto representa o PV Ariné. Foi relatado que quando havia o convênio da Rebio Uatumã (ICMBio) com a Eletronorte eram 18 fiscais atuando na região da Rebio Uatumã, mas há 1 ano o convênio foi encerrado e atualmente apenas uma pessoa realiza a fiscalização. Com isso tem que escolher onde realizar a ação, pois não conseguem cobrir todo o trecho com a frequência necessária. A APP da UHE Balbina está sendo ocupada por invasores (moradores novos e Pousadas), que ameaçam a Rebio Uatumã e a TI Waimiri Atoari.



Figura 1-173 - Área do PV *Arine*. 10/10/2013.



Foto PWA.

Figura 1-174 - Área do PV *Arine*. 10/10/2013.



Foto PWA.

Figura 1-175 – Posto de Vigilância Arine. 10/10/2013.

P106 - Ilha Maraha

Área de ocupação tradicional (*maraha*), que incluía aldeia e áreas de roçados.

P107 - Tabuleiro do Limão

Fragmento de praia onde ocorre a desova dos tracajás. Quando havia o convênio entre o ICMBio e a Eletronorte para a fiscalização da Rebio Uatumã, era desenvolvido o Projeto Tabuleiro do Limão que apoiava e acompanhava as desovas desses animais. Com o encerramento do convênio o projeto terminou e os tartarugueiros passaram a atuar na área.



Figura 1-176 - Tabuleiro do Limão. 10/10/2013.



Figura 1-177 - Detalhe de área para desova de tartaruga no Tabuleiro do Limão. 10/10/2013.

P108 - Ilha Kaminja

Ponto que representa uma ilha invadida por não indígenas (*Kaminja*) dentro da UHE Balbina.

P109 - Maraha Arine

Área de ocupação tradicional (*maraha*), que incluía aldeia e áreas de roçados.

P110 - Praia de rio - Ilha do Quatá

Área de deposição fluvial de areia na beira do rio que é utilizada por répteis como berçário e pelas aves migratórias como área de repouso.

P111 - Maraha Warine

Área de ocupação tradicional (*maraha*), que incluía aldeia e áreas de roçados.

P112 - Base Waba

Ponto referente à Base Waba, utilizada para fins de fiscalização da área do reservatório da UHE Balbina nos limites da Rebio Uatumã.



Figura 1-178 - Base Waba, Rebio Uatumã.
10/10/2013.



Foto PWA.

Figura 1-179 - Base Waba, Rebio Uatumã.
10/10/2013.

P113 - Ilha Samaúma

Ponto referente à ilha Samaúma localizado na antiga aldeia *Sry*. Foram encontradas muitas cerâmicas no local.



Figura 1-180 - Ilha Samaúma, área do reservatório da UHE Balbina. 10/10/2013.



Foto PWA.

Figura 1-181 - Cerâmicas na Ilha Samaúma, área do reservatório da UHE Balbina. 10/10/2013.

11/10/13

Neste dia foi realizada a viagem da Base *Waba* para o PV Abonari.

P114 - Acampamento kaminja - ramal do Paulista

Ponto referente ao ramal aberto por *kaminja* na margem do rio Uatumã, na área do Reservatório da UHE Balbina, proveniente do Ramal do Paulista. Esse ramal faz a ligação por via terrestre da área do reservatório da UHE Balbina com o ramal do Paulista, que dá acesso à BR-174.



Foto PWA

Figura 1-182 - Acampamento provisório na área do Ramal do Paulista na área do reservatório da UHE Balbina. 11/10/2013.



Foto PWA

Figura 1-183 - Ramal do Paulista na área do reservatório da UHE Balbina. 11/10/2013.

1.2.2.3 - Área de Estudo das Terras Indígenas/ Área de Entorno

P115 - BR-174 com a Vicinal da Mineradora Taboca

Ponto que representa o encontro da BR-174 com a vicinal Taboca, onde há o PV Vicinal I.

P116 - Entrada aldeia Waba

Ponto referente à entrada da aldeia Waba.

P117 - Ramal para Aldeia Waba

Ponto referente ao ramal da aldeia Waba.

P118 - PV Vicinal II

Ponto referente ao PV Vicinal II, próximo a Mineradora Taboca. Aqui foram relatadas as histórias das guaritas da Taboca.

P119 - Guarita da Mineradora Taboca

A equipe de estudo (técnica e *kinjas*) foi realizar a visita na mineradora Taboca, que havia sido pré-agendada, entretanto ainda não havia sido confirmada pela mineradora. Por isso ao chegar na portaria da guarita, a equipe do ECI não pôde entrar, não tendo sido feita a visita dentro da mineradora.



Figura 1-184 - Guarita da entrada da Mineradora Taboca.

P120 - Projeto açude próximo da Taboca

Ponto referente ao projeto de criação de alevinos para criação de peixe.



Figura 1-185 - Açude criação de peixe próximo à Taboca.

P121 - Projeto açude próximo da aldeia Waba

Ponto Pirarucu: projeto de criação de pirarucu em lago formado após abandono de cava pela mineradora taboca.



Figura 1-186 - Açude criação de peixe próximo à aldeia Waba.

P122 - Maraha Bana

Área de ocupação tradicional (*maraha*), que incluía aldeia e áreas de roçados.

P123 - área de colheita da Palha da aldeia Waba (e outras não citadas)

Área de Floresta Ombrófila Aberta localmente reconhecida como área de coleta de palha, identificada por eles como sendo de grande importância. Nesta área de relevo plano o solo apresenta-se predominantemente arenoso (Figura 1-188).

Uma característica da área é o grande número de indivíduos e de espécies de palmeiras utilizadas. Dentre estas se destacam o *karyna* - (*Mauritiella aculeata*) cujos frutos servem de fonte de alimento para diversas espécies: anta, paca, cutia, cateto, queixada, arara e papagaio, portanto, torna-se local bom para caça, e o *karabyrna* (*Mauritia carana*) cujas folhas são utilizadas para cobertura das malocas (palha).



Foto PWA

Figura 1-187 - Área de coleta de palha com exemplares de *karabyrna* ao fundo. 11/10/2013.



Figura 1-188 - Solo arenoso representativo das Áreas de coleta de palha.